

**2008 – JORNAL/NEWSPAPER – P2 – JORNAL PÚBLICO**

Menção na reportagem “Quem quer salvar o Kinaxixe?”, texto por Ana Vaz Milheiro, in P2 - Jornal Público, p. 33, 28 de Julho de 2008, reportagem também publicada no Portal dos Arquitectos – OA

Mention in the article "Who wants to save the Kinaxixe?", text by Ana Vaz Milheiro, in P2 - Jornal Público, p. 33, 28 July 2008, this report was also published in the Portal of Architects – OA

<https://www.publico.pt/2008/07/28/jornal/quem-quer-salvar-o-kinaxixe-270366>  
<http://arquitectos.pt/?no=2020491163,156>

ANA VAZ  
MILHEIRO

# Quem quer salvar o Kinaxixe?

28 de Julho de 2008, 0:00

O edifício é uma prova da qualidade da arquitectura portuguesa fora do território nacional

Há muito tempo que se fala da destruição do mercado municipal do Kinaxixe na cidade de Luanda. Mas nunca como agora - que o edifício se encontra entaipado - esses rumores se transformaram em ameaças reais. Os meios arquitectónicos da cidade e de Angola têm vindo a alertar contra o atentado patrimonial que representa a destruição deste importante edifício moderno desenhado pelo arquitecto Vasco Vieira da Costa (1911-1982) no início dos anos 50. Talvez seja o momento dos responsáveis pela cultura portuguesa também se manifestarem. A primeira pergunta que se deve fazer quando se pretende destruir um edifício - principalmente se existem vozes que reclamam a sua manutenção e reabilitação - é ponderar sobre o significado do que se vai destruir. E depois reflectir sobre o que se vai construir no seu lugar.

No caso do Kinaxixe, há que ler o arquitecto angolano André Mingas, em texto, ainda de 2002, intitulado *Em louvor de Luanda*

SUBSCREVA JÁ

Veja as suas opções

×

vamos salvar a cidade - Kinaxixe, exemplo maior da arquitectura tropical. Diz este arquitecto que "o Kinaxixe, para além do valor patrimonial enquanto obra arquitectónica, é um dos últimos grandes exercícios de arquitectura tropical produzidos no país e que traduz, de forma indelével, o pensamento que deve estar subjacente à cultura construtiva em países tropicais". Segundo explica, o edifício não só é um caso reconhecido de qualidade arquitectónica, como deve ser tomado enquanto exemplo para a prática contemporânea. Cabe agora encontrar novas funcionalidades que não destruam a sua integridade arquitectónica.

Sob o ponto de vista histórico, é tido como prova da qualidade da arquitectura portuguesa fora do território nacional. O seu autor, Vasco Vieira da Costa, arquitecto angolano de origem portuguesa, é um dos raros exemplos de profissionais que contactam directamente com a moderna arquitectura internacional no momento certo. Após a conclusão do curso da Escola de Belas-Artes do Porto, em 1945, desloca-se para Paris, aí trabalhando no escritório de Le Corbusier até 1948. Em 1950 já está em Luanda. É nessa altura que começa o projecto do Kinaxixe, a primeira encomenda pública que receberá.

Vasco Costa percebe a adequabilidade excepcional dos princípios da arquitectura moderna aos climas tropicais - é exactamente isso que [SUBSCREVA JÁ](#) [Veja as suas opções](#) ✕

razão por que este se torna num modelo tipológico para outras obras de programa semelhante. Talvez nesse sentido a sua obra se possa aproximar da experimentação brasileira sua contemporânea. Um dos aspectos principais é a organização em torno de dois pátios abertos e a introdução de brise-soleil que controlam a luminosidade e a ventilação interna sem recurso a meios mecanizados ou máquinas de ar condicionado. A arquitecta Maria João Teles Grilo, que tem estudado o seu percurso, declarou a certa altura tratar-se de "uma arquitectura-manifesto que desafiou o poder colonial, convidando-o a repensar a cidade, desenhado que estava o lugar da mudança". Inaugurado em 1958, constitui dentro da cultura portuguesa uma realização inovadora, não existindo na "metrópole", durante a mesma época, realização similar que tenha apreendido de forma tão precisa os ensinamentos corbusianos. Mesmo fora de Angola, e dentro do panorama da arquitectura africana de raiz moderna, o Kinaxixe é uma obra de referência. Aliás, os países africanos de língua oficial portuguesa possuem, na generalidade, uma boa arquitectura colonial do período moderno. Continua André Mingas: "Dir-me-ão que o Kinaxixe não funciona! Tudo bem, ou seja, tudo mal, porque tudo bem seria o reconhecimento da nossa incapacidade comparativamente aos nossos colonizadores, o que obviamente não será aceitável!". Deste modo, desloca para a sociedade angolana o

[SUSCREVA-JÁ!](#)[Veja as suas opções](#)

dever de qualificar o Kinaxixe, mas não terão também os portugueses um contributo a fazer?

Há muito que nas páginas do PÚBLICO se tem sugerido que a presença cultural portuguesa em países com história comum deve ser marcada através de edifícios de qualidade ímpar. Imagine-se casas da cultura portuguesa em espaços como a Escola Portuguesa, do arquitecto Raul Chorão Ramalho, em Macau; no Leão que Ri, de Pancho Guedes, em Maputo; no antigo Liceu do Lobito, de Francisco Castro Rodrigues; ou agora no mercado municipal do Kinaxixe, em Luanda? A conotação entre Portugal e edifícios históricos de valor patrimonial, construídos nesses países durante a presença colonial, daria consistência a uma política cultural séria e eficaz. Principalmente, reconheceria a importância estratégica que a cultura arquitectónica contemporânea nacional pode deter num quadro de desenvolvimento futuro. Também por isso, e porque é uma questão de desenvolvimento, procuram-se empresários, políticos ou mecenas que queiram salvar o Kinaxixe.

Arquitecta

## TÓPICOS

JORNAL | OPINIÃO

[SUBSCREVA JÁ](#)

[Veja as suas opções](#)

